José de Sá Barreto Sampaio

— Sertanejo de escol —

Pe. AZARIAS SOBREIRA

PRÓLOGO

Vem comigo, prezado leitor. Através destes pobres rabiscos tomarás conhecimento de um cearense de nosso tempo que, em pleno sertão, lutou setenta anos por um lugar ao sol; e tendo triunfado de mil obstáculos morreu de pé e sem nódoa, amando e resistindo, elevando-se e benfazendo.

Os que, como eu, se derem à tarefa de sondar-lhe as razões do proceder sempre rectilíneo, fazendo dele permanente mira de seus parentes e conterrâneos, concluirão comigo que bem merecida é esta tentativa de lhe perpetuar a memória, apontando-o à estima das novas gerações.

Queiram, sua viúva e seus filhos, perdoar-me o constrangimento, que hão de sentir, ao verem impresso este ensaio biográfico, para cuja confecção talvez me negassem todo apoio, tamanho é o horror que lhes inspira a publicidade.

Mais alto, porém, deve falar o bem da sociedade a quem nunca foi inútil a narração de grandes e edificantes exemplos. Daí a minha irredutibilidade no propósito de escrever e editar o vertente trabalho.

Zuca Sampaio, cearense da gema, afirmativo e bom, sincero e lógico, salvé!

Comecei a amá-lo dezesseis anos antes de o ter conhecido pessoalmente.

Meu velho pai, em suas constantes excursões pelo campo das reminiscências, gostava de referir impressões de sua demorada permanência em Barbalha; e jamais, ao entrar nesse assunto predilecto, silenciava sua admiração pela família Sampaio, alí secularmente domiciliada. Entre outros vultos, aludia a José de Sá Barreto Sampaio,geralmente conhecido pelo nome de Zuca Sampaio. Era este ainda bastante pobre, mais rico de houradez, tenacidade e amor ao torrão natal; e eram prendas morais que já o distinguiam em meio a seus progressistas e honrados conterrâneos.

Ao Zuca, ainda no berço, como a seus seis irmãoszinhos, vira-o meu pai sùbitamente privados da paterna assistência, nas garras de negra e desnorteante orfandade. E daí o crescente interesse com que ficou seguindo os passos da indecisa ninhada de crianças. Mesmo porque a mãe desses órfãos, agora a responder sozinha pelo sustento e orientação da casa, era uma dessas raras mulheres de inquebrantável fé, nas quais nada é de admirar em matéria de heroísmo cristão. Lar modelo foi, inquestionàvelmente, aquele, marcado pela ordem e pelo trabalho, pela simplicidade evangélica e amorosa confiança na Providência.

Já então, graças à influência e amizade do Padre Ibiapina, com quem ficou se carteando e a quem muito ajudou na edificação da Casa de Caridade municipal, o autor de meus dias se votava ao serviço dos deserdados da fortuna e à frequente prática dos sacramentos. E, por bem explicável afinidade de aspirações, era-lhe grato contemplar de perto aquela família, que já se fazia notabilizar por excepcional aferro ao bem.

Havia eu completado meus vinte anos quando, por via epistolar, tentei o primeiro contacto com Zuca Sampaio. Atingido esmagadoramente, como toda a sua parentela do Ceará, pela revolução política de 1914, encontrava-se ele foragido no sertão de Pernambuco, a 18 léguas de sua querida Barbalha. De lá, enquanto se refazia dos prejuízos sofridos, espreitava a hora oportuna de regressar aos pagos e recomeçar a vida comercial bruscamente interrompida. Serviu-me de pretexto um empréstimo que lhe mandei propor, de duzentos mil reis, no auge da

seca do quinze. Respondeu-me em carta porejante de simpatia e que foi o ponto de partida de uma amizade que o tempo não teve o poder de entibiar. Vale a pena salientar, entre parêntese, que foi essa a única vez em que o ocupei, só resgatando o débito dois anos mais tarde, quando bem cômodamente o pude fazer.

O HOMEM

Feita a precedente apresentação, passemos a uma análise menos superficial do ancião sertanejo que, com tamanha força, se projectou em minha retentiva, impondo-se ao meu respeito e afeição.

José de Sá Barreto Sampaio veio ao mundo em Barbalha, no dia 7 de Agosto de 1861. Foram seus pais Sebastião Manuel de Sampaio e Francisca de Sá Barreto Sampaio. Daquela união conjugal criaram-se sete filhos que, sem excepção, atingiram a velhice e admiràvelmente souberam honrar o nome de seus avós e a educação recebida. Mal balbuciava Zuca os primeiros vocábulos, com oito meses de nascido, verificou-se a morte do chefe da casa com trinta anos apenas e cuja única herança foi uma nesgazinha de terra fresca, nas imediações da cidade. E ainda não passara da adolescência, quando desabou sobre a antiga Província a calamitosa seca trienal de 1877, que por pouco não despovoou o Nordeste.

— Só Deus sabe das aperturas que atravessámos naquele tempo, disse-me dona Vivi, a primogénita da irmandade e que acaba de falecer nonagenária, mas ainda no gozo de suas faculdades. Para escaparmos, tivemos que nos refrigerar no brejo e cavar a terra... na humilde propriedade que nos coubera por quinhão. Zuca já estava rapazinho e se entregou ao trabalho da roça com tal ardor que parecia criado na enxada.

Orçava o nosso herói pelos 66 anos e eu pelos 22, quando consegui abraçá-lo pela primeira vez. Era alvo e corado, de estatura e compleição medianas, tendo sómente a marcá-lo, de maneira inconfundível, um certo descaimento das pálpebras, eco longínquo de incidioso mal dos olhos que o acometera na infância. Não era ele nada atraente à primeira vista. Sua ascen-

dência provinha exclusivamente dos dotes morais que, irradiando de todo o seu ser, pouco a pouco dominavam o ambiente, fazendo sobressair-lhe a personalidade.

A fronte, como o olhar, estava longe de denunciar uma inteligência de escol, cousa que ele não possuía. Sua superioridade provinha antes de sua profunda crença religiosa e de sua força de vontade. Caía-lhe o bigode sobre o lábio fino e sombreado de um quê de melancòlia que lhe emoldurava o rosto, claramente assinalado pela contínua reflexão. Bem proporcionados eram o nariz e a boca, e o cabelo cortado à escovinha.

Salvo em dias de gala, costumava apresenta-se de calça branca, paletó preto e chapeu de maça, tudo escrupulosamente cuidado, mas sem afectação. Conversava com relativa vivacidade e em tom patriarcal revelando equilíbrio e capacidade de observação. Embora aferrado às próprias idéias, discutia com segurança e elevação. Na defesa de suas teses, dir-se-ia que se achava sempre à vontade, fossem quais fossem o preparo e o prestígio intectual do contendor, como se considerasse vão tudo o mais, excepto a própria verdade.

APRENDIZAGEM

Bem cedo começou Zuca a frequentar a escola pública, onde se destacou pela índole cordata, assiduidade e pertinácia.

Em contraste com sua vontade de tudo aprender, militava a antiga doença dos olhos, que sèriamente o embaraçou na luta pela vida. Talvez em consequência disso, até os 33 anos ficou sem contrair casamento e também sem ingressar no seminário, não obstante o ardente desejo que sentia de se consagrar a Deus, exclusivamente. Empolgavam-no os edificantes exemplos do Padre Ibiapina, o grande missionário cearense do terceiro quartel do século dezenove, e do Padre João Francisco da Costa Nagueira, então vigário colado de Barbalha e ainda hoje recordado com acentos de justa veneração.

Adolescente, desenvolveu as noções adquiridas, tomando lições com o Padre António Tomás de Aquino, hábil professor que, por então, ali abrira um externato. O modesto património

intelectual de que, na velhice, era depositário, ele o alcançou à própria custa, queimando as pestanas à luz do candieiro, sempre que lhe sobrava tempo da árdua tarefa cotidiana. Incontestàvelmente contribuiu pra o seu arejamento mental a facilidade que teve, por motivos comerciais, de viajar, diversas vezes, até Recife e Fortaleza. Devorado pela sede de se esclarecer, nenhuma ocasião esperdiçou, naquelas praças, de ouvir conferencistas de feição literária, religiosa ou científica. E, de regresso, era seu fado comprar livros recomendáveis que lhe robustecessem a fé, a fibra patriótica e os conhecimentos amontoados com invejável paciência.

PROFISSÃO

Nunca será desinteressante, num país de imprevidentes, como o nosso, dar a conhecer o modo pelo qual um homem vontadoso e incorrutível chegou a fazer independência económica, assegurando a educação dos filhos. Tirante uma infalível percentagem de gatunos, que enricam roubando descaradamente, a maioria dos chamados mimosos da fortuna, salvo a hipótese, ainda bem rara, de um casamento com viúva endinheirada, atingem uma situação de equilíbrio à custa de muito trabalho, tino e economia.

A experiência mostra que todo homem trabalhador, ajuizado e económico, sem grandes canseiras, pode adquirir folgada mediania financeira, senão verdadeira fortuna. A maior parte fica a mercê da miséria, sem possuir um taco de terra e uma casinha regular, ou por indolência ou por não se preocupar com os imprevistos do amanhã. Não se advertem de que o Divino Mestre, num dia de milagrosa multiplicação de pães, depois de haver saciado cinco mil pessoas famintas, não permitiu que fossem lançadas no mato as sobras daquela pasmosa refeição. O que fez foi mandar guardá-las para outra necescasinha regular, ou por indolência ou por não se preocupar sidade, dando-nos imperecível lição de economia. *Colligite fragmenta, ne perant,* foi a divina recomendação.

Quem, portanto, passando pela vida, nada ajunta, deve queixar-se, não da sorte ou da terra onde mora, e sim de sua própria imprevidência. A prova é que os estrangeiros que nos

procuram, mesmo quando aqui chegam sem eira nem beira, em rápidos anos se acham bem instalados, quando não ficam milionários. E não precisa lançar mão de meios ilícitos: Basta-lhes aproveitarem as horas e gastarem sempre menos do que vão ganhando.

Enxergando no comércio um bom meio de vida, Zuca Sampaio, logo que se lhe ofereceu oportunidade, empregou-se como caixeiro de António Sampaio, seu irmão mais velho. Este, recém-desposado com uma irmã do oculista dr. Barreto Sampaio, seu primo carnal, com o dote da mulher conseguira abrir uma boa casa de tecidos e de boa mente acolhera, como sócios e interessados nos lucros, Zuca e Dão Sampaio, seus irmãos. Data de então o aparecimento, no Ceará, da acreditada firma Sampaio e Irmãos que, já positivamente milionária, saiu da circulação em Janeiro de 1914, sob as patas da revolução de Juazeiro do Norte.

O NOIVADO

Deve-se ao respeitável Padre João Francisco da Costa Nogueira, principal modelador da família católica barbalhense, a feliz resolução tomada por Zuca Sampaio de contrair matrimónio, desistindo, uma vez por todas, da inoperante ideia de se fazer padre. Sua missão era de chefe de família e não de director de consciências. Casando-se com uma moça piedosa e equilibrada, em condições de lhe entender a sede de espalhar o bem, poderia vir a ter filhos de acentuada espiritualidade, que não sòmente fizessem apreciável apostolado leigo, como ele já vinha fazendo, mas ainda militassem com zelo nas próprias fileiras sacerdotais.

Não custou o jovem idealista a encontrar aquela que devia ser a eleita de seu coração e chegou a ser, com toda verdade, aquilo que, de sua própria esposa, pode Rui Barbosa afirmar: alma de sua alma, vida de sua vida, flor sempre viva da bondade de Deus em seu lar. Foi ela o seu primeiro amor. Não houve, porém, namoro nem cousa que o valha, a título de estudo do carácter, um do outro. Bastou o alto conceito em que a

menina era tida no círculo social da terra, sobretudo na estimativa do pároco, seu director espiritual.

Maria Costa Sampaio, geralmente conhecida pelo meigo apelido de Iaiàzinha, contava então 27 anos e era, sem favor, o modelo da juventude feminina de Barbalha. Rica de modéstia, temor de Deus e amor ao trabalho, porém pobre, bem pobre mesmo, de bens da fortuna. A' carta de proposta enviada pelo imprevisto pretendente, Iaiàzinha respondeu que era seu pai o único apto a dar, sobre o caso, a palavra definitiva... Ela tinha medo de dar um passo em falso, em matéria de tanta relevância.

Difícil avaliar a ansiosa expectativa em que ficou o proponente até que o futuro sogro, também consultado sobre o assunto, trinta dias depois foi procurá-lo no "Gabinete de Leitura", onde este já se entretinha dando aula gratuita a meninos pobres, e lhe disse, sem preâmbulos: — "Trago-lhe, finalmente, a embaixada. Iaiàzinha está mesmo disposta a se casar com você."

A HONRADEZ DA FIRMA

Na história do Ceará comercial, a firma Sampaio e Irmãos, com sede em Barbalha, merece registro em lugar de relevo.

Modestamente inaugurada em 1892 e violentamente arrancada do cenário em 1914, a firma em foco, em vista da boa orientação de sua tríplice directoria, dentro de vinte anos conquistou tal crédito, no apreço dos sertões vizinhos, que ainda hoje é difícil explicá-lo. Naquela fase de insegurança e comunicações feitas só em lombo de animal, notável percentagem de famílias e pequenos negociantes iam, anualmente, abastecer-se na Casa Sampaio e Irmãos. E não sòmente no Município de Barbalha e na zona do Cariri, onde encravado, mais também nas regiões limítrofes, de Pernambuco, Piauí e Paraíba.

Tornara-se proverbial e correra mundo a invacilável seriedade que presidia aos mínimos pormenores na organização daquele próspero estabelecimento. Fosse quem fosse, o freguês era sistemàticamente despachado com inteira isenção de ânimo e a preço uniforme. Até um surdo-mudo que ali chegasse com um bilhete para a compra de uma mercadoria, tinha-se a certeza de

que lhe seria vendido o artigo ao preço adoptado para todos. Os fregueses da casa não perdiam tempo em exigir abatimento, porque já ninguém ignorava o elevado critério intransigentemente mantido nas várias cotações. Ai do caixeiro que maltratasse os pobres matutos, ou se atrevesse a pedir vinte réis mais do que fora prefixado a cada mercadoria !

Falando sobre isto ao actual vigário de Iguatu, Padre José Ferreira Lobo, eis o que ele me contou, confirmando a exactidão destes conceitos: — Lá por 1905 (?) era caixeiro da Casa Sampaio e Irmãos, quando ali se apresentou, para efectuar uma compra avultada, um destacado amigo da família. Apesar de conhecer o sistema que adoptávamos, de escrupulosa uniformidade nos preços depois de recebida a mercadoria, exigiu que lhe fossem abatidos quarenta réis em cada metro de uma fazenda que lhe fora passada, *verbi gratia*, à razão de $440. Por mais que lhe repetissem que a firma não podia se afastar do seu programa, abrindo excepções, o freguês persistia em dizer que não pagava aquele *quebrado*. Afinal, para evitar contenda, fez-se-lhe a vontade, embora a contra-gosto. Logo a seguir entra o chefe da casa e é lealmente inteirado da insólita ocorrência. Com a firmeza costumada admoestou o caixeiro faltoso, adiantando que antes houvesse ofertado ao comprador o tecido em questão, e, depois de mandar botar abaixo todo o estoque do mencionado tecido, num total de dezenas de peças, ali mesmo lhe rebaixou o preço para $400 cada metro! Não foi pequeno o prejuízo monetário daí decorrente, porém ficaram salvos os princípios, para glória da firma barbalhense.

E foi graças a essa incontrastada honradez, aliada ao tino e à coragem dos três irmãos, que, ao transferir-se para Recife, em 1914, António de Sá Barreto Sampaio, o sócio fundador da empresa, não obstante os danos causados pela revolução num total de oitocentos contos, pôde em Pernambuco adquirir imóveis que se elevaram a mais de mil contos, sem se desfazer do que deixara em sua cidade natal. E, por sinal dos grandes lucros que lhe deram a primazia entre os seus conterrâneos, também os dois outros sócios estavam em satisfatória situação, mandando educar a prole nos melhores colégios do Estado e até do País.

Seria agora o caso de perguntar: por que são tão raros

os comerciantes dessa têmpera? Não valeria a pena tomar tal exemplo e aspirar a tamanha confiança pública?

AUSPICIOSAS REVELAÇÕES

Estava Zuca com seis anos completos quando ouviu o vigário anunciando, na matriz, o ano jubilar de 1867 e promulgado pelo Papa Pio IX. Entrando em pormenores em exercícios a serem praticados, afim de se lucrar uma verdadeira indulgência plenária, o zeloso pastor insistiu, particularmente, sobre a necessidade de uma confissão bem feita.

— Você, meu filho, respondeu ela, por enquanto fará sòmente as orações que o padre recomendou. Quando eu for rezar, você irá também e fará tudo comigo. Confissão é negócio muito sério: não chega ainda para menino de sua idade.

Sem se deixar abater, o pequeno ajuntou: — Mamãe, eu sei tanto o que é confissão como sei que aquilo é telha. E apontava para o tecto.

E, como a boa senhora deixasse ao vigário a solução da dúvida, resolveu este pela afirmativa, depois de ter examinado o singular aspirante à primeira comunhão. Passado o tempo santo, pode o Padre João Nogueira dar o seguinte testemunho:— O Zuca me surpreendeu: não pensei que já tivesse tanta compreensão e piedade. Quisera ter licença para dizer aqui certos sinais admiráveis que notei na confissão dele.

Devia ter razão o experiente cura. A prova está nisto: daí por diante até os 79 anos, o precoce menino ficou fazendo, todas as bocas de noite, com igual empenho, uma visita de quinze minutos ao SS. Sacramento, na própria matriz. Ficou comungando todos os meses, pelo menos por ocasião das primeiras sextas feiras, até que, com o perpassar do tempo, pôde avizinhar-se do banquete eucarístico cada semana, senão diàriamente. Aos dez anos de idade já era tão assinalada a sua inclinação religiosa que pôde ser o herói do seguinte episódio, que despretenciosamente me contou fidedigna testemunha ocular.

Era costume de sua santa mãe recitar, em voz alta, ao pôr do sol de cada dia, uma tocante fórmula de visita a Nosso Senhor

Sacramentado, na matriz. Aliás, essa incomparável prece, de igual maneira e no mesmo local, é regularmente feita, ainda hoje, como setenta anos para trás.

Um belo dia, tendo ali chegado uns novos vizinhos, Zuca se pôs a brincar com eles, na praça fronteira; e de tal animação se deixou possuir que não viu a mãe saindo para a igreja e indo fazer a costumada visita ao Deus escondido, visita à qual já era ele assíduo, apesar de seus tenros janeiros. Só depois do anoitecer, cessado o folguedo, foi que o homem menino caiu em si, recordando-se da tradicional prece da tarde. Inconsolável, correu logo ao pé da mamãe, repetindo que não podia dormir sem haver cumprido aquela obrigação. E de tais rogativas se valeu que o jeito que ela achou foi arranjar a chave da igreja e uma vela acesa para que o filho, embora sozinho, fosse ajoelhar na capela-mor e ler a tocante oração...

Se pelo dedo se pode conhecer o gigante, também por esta única ocorrência bem se poderia avaliar a têmpera do homem entrevisto naquela criança. A força de vontade, o sentimento do dever, o espírito de fé, o amor à disciplina, tudo isto revelado naquela ocasião. E longe esteve, pela vida afora, de ser um católico piegas, fiel aos dogmas, mas hereje nos mandamentos. Pelo contrário. Tudo nele era elevação moral, franqueza e coerência a toda prova. Se quisesse fazer suas as expressões de São Paulo, teria podido assim falar a filhos e discípulos: — "Sejam meus imitadores, como eu o tenho sido de Jesus Cristo". Sim, porque o filho caçula de Sebastião Manuel de Sampaio era, antes de tudo mais, um homem de bem que resolutamente se traçara o próprio caminho e que ninguém seria capaz de corromper.

O LAR

Foi em 1916 que comecei a frequentar, periòdicamente, a residência de Zuca Sampaio.

Desejoso de sentir, mais de perto, as palpitações de sua alma, cheguei a ir passar com ele, feito seu hóspede, toda uma semana, em 1925. E, no decurso de 23 anos, sempre que me sobrou tempo, transportei-me a Barbalha, onde ele e sua irmã

Vivi, apesar de cega e otogenária, eram o meu principal entretenimento. Não me cansava de ouví-los e interrogá-los sobre muitas cousas de antanho e de que eram talvez os únicos depositários insuspeitos e fiéis.

E que palestras, meu Deus! Deviam ser daquela marca as falas de Vicente de Paulo, Joana de Chantal, Zélia Pedreira de Castro e Frederico Ozanam, quando procurados por velhos amigos chegados de longe. Por mais que as horas se escoassem em dias consecutivos, o interesse da conversação era o mesmo, como a mesma era a atmosfera superior em que eles mantinham as palestras, variassem embora as circunstâncias. Falava-se de tudo, é verdade; mas nem a política, nem religião, nem o comércio, nem a família, nem a ingratidão dos homens serviam jamais de pretexto para mesquinhos desabafos ou malévolos juízos sobre alheias intenções. A caridade evangélica, e não a de fachada hoje tão em voga, a tudo presidia, podendo-se ali dizer o que dos primeiros cristãos dizia São Paulo: "Nossa conversação se apoia no céu".

Depois de ter passado dias e dias com o Padre Tabosa Braga ou Dom Quintino Rodrigues, ficava-me horas esquecidas com Zuca Sampaio, que nunca alisara bancos de colégio; e nem uma vez me senti em nivel mental notàvelmente inferior, mesmo quando os assuntos ventilados eram exactamente semelhantes. Assim é que eu imagino os confessores da fé nas suas expansões com os seus familiares, chamem-se embora Sebastião Leme ou Felício dos Santos, Antonio Tabosa Braga ou José de Sá Barreto Sampaio!

A igreja, sua hierarquia, sua história, seus principais heroís; o Brasil, suas deficiências administrativas, sua necessidade de uma geração à altura de seus grandes destinos; as secas do Nordeste, as obras de açudagem e outras medidas de emergência, feitas ou por fazer; o Ceará e a zona do Carirí com seus homens e seus problemas mais palpitantes; as Conferências Vicentinas, o clero, o exército, a genealogia das famílias barbalhenses, etc., tais foram, várias vezes, os espontâneos assuntos de nossas conversações. E quase sempre ele que os abordava, dando o tom ao encontro.

Mas, se lá estivesse o seu irmão Dão Sampaio, então nosso

papel ficava sendo o de quase exclusivos aparteadores. Porque este outro se constituia a própria alma da roda, prolongando e acalorando desmesuradamente a conversação. Para termos uma ideia do grande tribuno e advogado que o Brasil perdeu, deixando à margem da instrução superior aquele belo e ímpar barbalhense, seria preciso ficarmos com ele às sós e nos dispormos a argui-lo e escutá-lo pacientemente. Era, no fundo e na forma, a eloquência em marcha, com a forte convicção e o acento de um profeta dos tempos novos. Que o digam, entre outros, o Dr. Manuel Florêncio de Alencar e o Cónego Manuel Macedo, que tiveram, como eu, magníficas ocasiões de ouví-lo e pasmar, mesmo após amargos reveses da fortuna e achaques que lhe couberam nos últimos tempos.

Acentuadamente idealista, em vivo contraste com o Zuca, que foi sempre prático e estranho a quaisquer arrebatamentos, viveu Dão Sampaio os derradeiros anos persuadido de haver descoberto o moto contínuo, lastimando apenas não dispor de recursos para torná-lo realidade... Bem verdadeiro é o conceito de que o génio fica tão sòmente a dois passos da loucura !

O EDUCADOR

Forçado por imperiosas razões, como já vimos, desistira Zuca da velha aspiração de se fazer padre, carreira que lhe aparecia como o mais belo caminho da vida. E' que gostaria de continuar a obra de evangelização do Padre Ibiapina, cujas prédicas tantas vezes ouvira extasiado e cujos tocantes exemplos ainda mais o arrebataram.

Mas, contraindo núpcias, tomou a firme deliberação de proporcionar aos filhos uma educação que os habilitasse a fazer, pela Pátria e pela Religião, o bem que ele, desde pequenino, em vão havia idealizado. Daí veio a escolha de uma esposa nos moldes em que já vimos deslisar o seu pitoresco noivado. Assim se explica sua existência de renúncia a umas tantas cousas lícitas do convívio social, no empenho de dispensar, à formação moral e intelectual da prole, toda a delicada assistência compatível com suas pequenas forças.

Sua absorvente preocupação era, dum lado, o reforçamento,

em número e qualidade, das fileiras do clero, então nem sempre bem representado , do outro lado, a formação de verdadeiros servidores da Pátria, servidores que moralizassem a pública administração, arrancando o Brasil do abismo em que ia se afundando. Para atingir o alvo acariciado, logo que pôde, com geral desapontamento, construiu uma nova residência, espécie de chácara, distante de outras habitações, em pleno recôncavo.

Lá poderiam os seus meninos brincar à vontade, mas debaixo de vigilância e, portanto, sem risco de serem contagiados pelo molecório da rua. Lá haviam de crescer sadios de corpo e alma, até que chegasse o tempo oportuno de entrarem em colégios e academias. Se assim imaginara o futuro, melhor lhe foi dado concretizar, como havemos de ver, o seu programa doméstico. Merecido prémio de suas acrisoladas virtudes cívicas e cristãs, não só pode desempenhar a penosa tarefa, tal qual a tinha concebido, mas teve a consolação de contemplar de perto, em toda a evidência, os abençoados frutos de seus esforços, numa velhice invejável.

*
* *

Ao contemplar, agora, o austero regime de nosso biografado, a gente fica presa de uma senasção de arrepio, como diante do inverossímil.

"Forte como a própria morte é o amor", dizem as Letras Sagradas. Sim, porque só um grande amor pode explicar os prodígios de actividade silenciosa que, durante decénios, sem outro estímulo senão o da consciência, Zuca Sampaio realizou, às vezes entre desnorteadoras contradições. Mal nascia o sol, no inverno ou no verão, lá estava ele de pé e a caminho do estabelecimento comercial. Ali, dada a crescente fama da firma, passavam-se as horas bastante cheias até a tardinha, exceptuado o pequenino descanço do almoço.

Fechada a loja e feito o parco jantar, ele se dirigia para o "Gabinete de Leitura", destacada construção de que ele fora sócio fundador, e não só o mais benemérito, mas também o principal obreiro. A caminho, entretanto, entrava na matriz e

se recolhia por um bem quanto de hora, em colóquio com o Divino Prisioneiro do sacrário.

No referido "Gabinete de Leitura", com a sua decisiva cooperação, não sòmente funcionava uma regular biblioteca, adrede organizada para recreio e nutrição mental do público citadino, mas se ministrava, como ainda hoje, aula gratuita de primeiras letras a crianças e adultos, sem distinção de categoria social. Quem quisesse aprender era só apresentar-se, contanto que submetesse ao modesto regulamento. Com os rudimentos da instrução, ele inculcava os princípios morais, o amor da Pátria e a doutrina cristã. Para poder ensiná-las, aprendia primeiro aquelas noções, às caladas da noite, roubando ao pobre corpo o repouso necessário, contanto que nem um dia chegassem seus alunos a ficar sem a lição devidamente explicada.

E, desde que seus primeiros filhos foram precisando de professor, ele se constituiu o mestre suplementar dos mesmos. Às vinte horas, encerrado o serviço no "Gabinete de Leitura", Zuca Sampaio ia para casa, de rota batida, no empenho de tomar, em segunda mão, as lições que seus filhinhos haviam dado, no correr do dia, à respectiva professora.

Era aquilo uma escrupulosa recapitulação de tudo, que se prolongava até às nove da noite, quando toda a família sistemàticamente tratava de se recolher. Muitas vezes saía em cena a tradicional palmatória, emprestando animação ao argumento e alertando os menos aplicados.

Motivo de geral regozijo era, para os petizes, a chegada de alguma visita de ceremónia ou outro imprevisto assim, dando margem ao cancelamento da lição da noite. Enquanto não, ficavam os olhos infantis atentos ao relógio da sala, rogando a Deus que batessem as nove horas libertadoras, antes que o papai se desocupasse. Soadas que fossem as aludidas badaladas, sentiam-se alforriados e prorrompiam em ruidosas expressões de desafogo !

SEU APOSTOLADO

No "Gabinete de Leitura" foram sempre frequentes as actividades promovidas pela directoria, a propósito de grandes datas

nacionais, municipais ou do próprio grémio. Em tais ocasiões, por mais luzida que fosse a assistência, podia-se ter por certa uma sóbria alocução do veterano lidador. Usando da palavra, prendia as atenções, não digo pelo inesperado dos lances oratórios que ele ignorava, mas pela correcção da linguagem e elevação dos assuntos. Várias vezes, era manifesto o improviso, o que não o impedia de dizer alguma cousa aproveitável e edificante.

Nem uma vez deixou de achar pretexto para proferir uma palavra de fé. Como São Paulo em pleno Areopago, impelido pela sede de ver alargado o reino de Deus, expandia-se com o auditório, falando-lhe das tribulações e dos triunfos da Igreja, como da necessidade de uma vida mais íntima com o Divino Mestre. E, pronunciados com acentos de inabalável devotamento, de seus lábios se escapavam os inefáveis nomes de Jesus e Maria, Vicente de Paulo, Ozanam, Dom Vital...

Dir-se-ia que o próprio Padre Ibiapina, redivivo naquele privilegiado discípulo, falava por ele, sustentando o estandarte sagrado que tão promissoramente havia fincado naquele recanto do Ceará.

"Ardoroso discípulo de Frederico Ozanam, as Conferências de São Vicente lhe constituíam o supremo ideal. Presidente do Conselho Particular, era admirável o seu zelo, visitando, com frequência, cada uma delas, confortando os confrades, exortando-os ao cumprimento do dever. Já doente, para não deixar o convívio dos seus queridos companheiros de apostolado, desobedecia às prescrições dos médicos; e assim foi que a morte veio encontrá-lo em franca actividade de Vicentino exemplar.

"E as Conferências de São Vicente, em Barbalha. são um belo atestado de acção católica, dessa incomprendida e subtil acção católica de que José de Sá Barreto Sampaio foi, em nossa terra, o grande mestre. Pertinho de morrer, chamou-me para junto de si e me disse quase ao ouvido: — Quero fazer um pedido a V. Rvdma. :é que meu filho Pio seja o primeiro candidato à minha substituição, como presidente do Conselho Particular Vicentino. Isto, sem contrariar, de forma alguma, o direito de escolha de meus companheiros. Mas me faça ainda um favor: só depois de minha morte diga isto a meu filho.

"Hoje, como desde então, é o dr. Pio Sampaio, médico e

ilibado cidadão, o desvelado continuador do saudoso morto, o que assegura a vida das Conferências, verdadeiro centro de espiritualidade e trabalho em minha paróquia.

"À cabeceira dos moribundos era frequentemente encontrado, exortando-os à resignação e ao arrependimento. Aliás, acredito que o respeito humano nunca embaraçou as manifestações de sua boa consciência. Era inigualável o desassombro com que professava e defendia a fé.

"Lembro-me que, um ano destes, tendo chegado a Barbalha uns pastores protestantes, logo instalaram o culto sectário numa praça pública. Como eu me excussasse de aparteá-los, ele me pediu licença e, abrasado de zelo pela preservação da doutrina cristã no torrão estremecido, foi-lhes ao encontro, rezando o terço com os fiéis e impugnando a heresia pregada pelos inovadores, até que os desalojou definitivamente. Sem ter estudado acção católica, Zuca Sampaio era um homem de acção católica. Batia à porta do pobre e do rico, no empenho de levar Jesus Cristo a todos".

Os períodos acima aspeados são trechos de preciosa correspondência que me endereçou o ilustrado Padre José Correia Lima, desde muitos anos vigário de Barbalha e recém-falecido em meio a brilhante acção paroquial.

CARÁCTER TEMPERADO

Só por excepção Zuca Sampaio se ocupava de sua própria pessoa, mas só o fazia com manifesto desencanto e fastio. *Servi inutiles sumus*...

Ouçamos, porém, o que depôs sobre o digno barbalhense o citado Padre José Correia. São palavras cheias de verdade e autoridade, pela circunstância de terem sido pronunciadas por qum pôde observá-lo mais de perto, até como seu director espiritual.

"Embora velhinho, José de Sá Barreto Sampaio tinha a alma, o coração e a inteligência do moço idealista dos tempos modernos, com todas as harmoniosas vibrações de perfeito imitador do Divino Mestre. Queria tudo fazer e a todos levar para Jesus Cristo. Severo e enérgico nas suas atitudes, era o que

se chama um carácter sem jaça, sem contemporização com o mal. A verdade foi talvez a flor mais formosa que lhe enfeitou a vida, a ponto de até parecer ignorar o eufemismo das meias palavras, tão comum em políticos e negociantes.

"Sem jamais se distanciar do sentimento ideal de respeito à pessoa dos ministros de sua Religião, sabia, na hora azada, admoestar, caridosamente, o próprio pároco, se no mesmo observava alguma irregularidade de conduta. Mas se lhe chegava a vez de ser advertido, aceitava as observações do vigário com tamanha humildade que dificilmente se encontrará, em nossos dias, quem o iguale.

"Morrendo, deixou filhos que hão de ser, no céu, pedras cintilantes de sua coroa, enquanto aqui na terra vão lhe imortalizando a obra".

*
* *

Eu bem poderia encerrar aqui o presente capítulo, tal a força do sobredito testemunho. Mas preciso referir um caso passado entre nós dois sòmente, em 1918, quando eu ainda trabalhava como escriturário do bispado cratense.

Ali foi ele visitar-me no próprio paço episcopal, pois eu estava morando com o prelado diocesano. Ao dispedir-se, ofertei-lhe dois excelentes livros: — "Goffiné" e "Pela Mãe de uma menina". Não queiram saber do tamanho de meu pasmo quando ele, depois de haver examinado os volumes, me restituiu um deles, dizendo só aceitar o "Goffiné" !

— Como, *seu* Zuca? atalhei eu. Pois leve o outro para seus filhos. Trata-se de um romance de inspiração católica, recém-escrito por frei Pedro Sinzig e muito edificante.

— Por isto mesmo é que eu não o coduzo, meu generoso amigo. Adoptei por sistema só oferecer à minha família livros absolutamente verdadeiros. Romance é sempre romance, seja embora da pena de um monge...

E nada o demoveu da irredutível atitude. Tive que me resignar com a devolução, é certo; mas daquele dia por diante comecei a enxergar aquele homem numa altura consideràvel-

mente maior, não sem lhe invejar, do íntimo dalma, a surpreendente firmeza moral.

Verdade é que os que assim procedem fazem poucos amigos, e esses mesmos vão lhes ficando cada vez mais raros. A verdade é como o *non* de que falava Vieira: de diante para trás ou de trás para diante, é sempre *non*, cheio de arestas e hostilidades arrepiantes. Mas ai! do mundo, quando nele faltarem curidão, únicos para quem a cegueira humana apela, como para a derradeira esperança.

*
* *

Da mesma forma como Zuca Sampaio perseverou no monótono trabalho de alfabetização de seus conterrâneos pobres, assim se conduziu em relação às Conferências Vicentinas. Coube-lhe também a glória de ter sido, no recuado ano de 1889, um dos fundadores da aludida Sociedade de São Vicente de Paulo, então instalada em Barbalha. Desde o nascedouro, portanto, acompanhou os passos dessa benemérita instituição da caridade e, sem medo de contestação, pode-se afirmar não ter existido, naquela terra, ninguém que o excedesse, em solicitude pela prosperidade do novel sodalício.

Aliás, desde a fundação até a morte, através de meio século, por conseguinte, foi ele o único presidente do Conselho Particular de sua terra e o mais ardoroso incentivador da obra vicentina em Barbalha. Melhor do que ele, ninguém conhecia a letra dos estatutos; ninguém comparecia mais regularmente às reuniões semanais, de que ficou sendo a palavra de animação e o estímulo personificado no exemplo. Émulos dignos de saudosa recordação foram para ele alguns distintos católicos, seus conterrâneos, dos quais António Filgueiras, António Correia e Rufino Duarte de Queirós merecem particular menção.

VIDA DE FAMÍLIA

Vou aqui tentar uma síntese das impressões que as repe-

tidas visitas ao lar de Zuca Sampaio foram me acumulando no espírito, cada vez mais robustecidas.

Penetrando naquela casa, logo se percebia um ambiente excecional de paz, dessa rara paz que o mundo cá de fora desconhece e que é o fruto da mútua compreensão, de mãos dadas com um sentimento profundo de fé. Nada de artificial no falar ou no agir. Uma confiança esquesita, que não eliminava o respeito, unia entre si o pai, a esposa e os filhos do casal. Genuína vida patriarcal, é verdade, mas sem a clássica absorpção da personalidade dos inferiores pelo dono da casa. Todos, a seu tempo, tomavam parte nas palestras e emitiam opinião, como nas assembleias democratas que ainda não perderam o espírito de hierarquia. Nem uma vez observei ali uma cena de desinteligência, uma mostra de susceptibilidade, uma frieza no tratamento do hóspede ou dos de casa entre si. Se lá havia paixões fermentando, deviam ser as da tolerância, as do empenho de tudo fazer por motivos superiores, as da estima pelo próximo, mesmo quando a prudência forçava a pôr-se-lhe à distância.

Essa benevolência generalizada, essa preocupação de benfazer andava longe, entretanto, de converter aquele chefe de família em um ingénuo a quem se podesse enganar com lágrimas de crocodilo. Hábil psicólogo, ele tinha o dom de enxergar longe e se desviava dos espertalhões vulgares, como da falsa virtude, embora esta se encontrasse no pináculo da popularidade.

Odiava a desconfiança, mas custava muito a confiar inteiramente. É esta, a meu ver, a melhor explicação do seu constante equilíbrio económico, pois, sem ser rico, viveu e morreu independente, apesar das secas e apesar da custosa educação dos filhos. Antes de mais nada ele considerava a própria obrigação de prover ao futuro da família, atendendo a que nenhum filho ficasse improdutivo, à falta de boa alimentação e de cultivo intelectual.

Ignoro se chegou a ter inimigos, no sentido restrito do vocábulo. Conversando horas e horas com ele tive ocasião de ouvir-lhe preciosas confidências. Nunca, porém, expressões de azedume contra vivalma, embora condenasse, sem contemporização, o vício e a desfarçatez. Se mastigava o pão da inimizade, estou convencido de que nada o empataria de repetir as ex-

pressões do presidente Vargas: "Inimigos pròpriamente ditos não sei se os tenho; mas, se os tiver, não serão tão inimigos que seja impossível tornarem-se, de novo, meus amigos".

O que se dissesse dele parecia ser-lhe indiferente, como se lhe bastasse o morno refugio do lar e o testemunho de sua voz interior. Sua franqueza ia ao extremo. Interessando-se pela sorte de todos, condoendo-se de todos os infortúnios, jamais o intimidava a ira dos maus ou o melindre dos poderosos, se se tornava necessária uma palavra franca, em defesa da inocência, da fé ou da moral.

Por mais ocupado que estivesse, sempre achava tempo de fazer uma carta que lhe fossem pedir os compadres e afilhados matutos. Passando com decência, dando a todos os filhos esmerada educação, nunca comprometido em negociatas indecorosas, jamais foi pesado aos outros e passou pela vida num ambiente de relativo mistério, pois ninguém sabia a quanto realmente montavam os seus modestos haveres.

Uma de suas grandes paixões consistia no trabalho. Não podia ficar inactivo. O trabalho lhe dava gosto pela vida, dava-lhe novos alentos, feito ginástica mental. Trabalhando, esquecia-se dos dissabores da existência, tinha a ilusão de não estar de todo envelhecido e assim conseguia pôr em vibração toda a sua personalidade.

*
* *

Por trás de tudo isto, confirmando-o nos bons propósitos ou moderando-lhe a impetuosidade do temperamento, sugerindo-lhe uma boa iniciativa ou neutralizando certas informações mal inspiradas, estava a incomparável esposa que Deus lhe concedera. Ela era a confidente, a conselheira, a doce visão de seu longo peregrinar.

Amando o anonimato, feliz na posse do seu Deus e de sua casa, casa que ela moldara à própria imagem e semelhança, a ambição de Dona Iaiàzinha era que o marido cumprisse lá fora, de cabeça esguida, mas apostòlicamente, os próprios deveres,

sob o mesmo prisma e com a mesma dedicação com que ela cuidava do lar, sua *via-crucis* e seu monte de transfiguração.

Sem aquela mulher forte e evangélica, sem o seu espírito de renúncia e sem sua providencial colaboração, não teria existido, tal qual, o acatado varão de que venho me ocupando.

UM PÁROCO MODÊLO

Ficaria inacabada esta modestíssima monografia se deixasse de ser aqui focalizada, embora perfuntòriamente, a figura de um dos mais antigos vigários de Barbalha, que lá passou trinta anos de actividade e do qual algumas famílias exemplares daquela terra ainda são consolador reflexo.

Exactamente na época da meninice de Zuca Sampaio, estava em plena acção pastoral o já então vigário colado dali, Padre João Nogueira. A princípio fora um sacerdote comum, mas àquele tempo já se achava santamente abrasado de zelo, graças à influência da amizade que a ele consagrou o missionário Padre Ibiapina.

A experiência se encarregou de demonstrar que a simples presença de um padre zeloso e prudente opera verdadeiro milagre de soerguimento moral e, às vezes, material, no meio em que vive. Dentro em pouco, está ele constituindo a mira obrigatória de bons e de maus que, não podendo olhá-lo com indiferença, por ele acabam modelando a própria conduta. *Forma do próprio rebanho,* eis como o define a Sagrada Escritura. E é por aí, exactamente, que se pode calcular a calamidade que representa para as massas populares um eclesiástico sem caridade nem compostura.

O Padre João Nogueira, qual novo Eliseu, assimilou, em pouco tempo, o espírito de sacrifício, o alto sentimento de piedade, sobretudo o tino na direcção das consciências, que eram subidos dotes do pranteado apóstolo sobralense. Com ele, por ocasião das prolongadas missões, aprendera a levar vida escoimada de preocupações terrenas. Aprendera a se entregar, com todas as suas faculdades, ao escrupuloso amanho da vinha do Senhor. Aprendera a ficar, cada dia, longo tempo entretido com o Rei do Amor, na solidão do sacrário, bebendo preciosos ensi-

namentos e proporcionando aos fiéis inapreciável edificação. Data de então a visita regular que, nestes setenta anos, vem sendo feita, à boca da noite, por uma falange de adoradores fiéis, ao SS. Sacramento, na matriz de Barbalha.

Sem esse humilde e pouco letrado pároco do alto sertão do Ceará difícil seria entender o aparecimento de semelhantes flores de seriedade e vida interior que o presente opúsculo nos deixa entrever. A benéfica actuação do missionário sobre o Padre João Nogueira, foi tão notável que este último, ao ver partir dali, para outras Províncias do Nordeste, o providencial guia de sua consciência deliberou acompanhá-lo, como auxiliar das santas missões, renunciando, desta forma, às suas funções paroquiais, como ao convívio da família.

Sabedor de tão estranha atitude, todo o populoso Município se alvoroçou e enterneceu, como se estivesse para se dar ali uma desgraça colectiva. Organizou-se então uma descomunal representação, feita de elementos de todas as classes, para tentar demover o querido pastor de semelhante propósito. A tentativa era escabrosa, pois todos sabiam quanto aquele sacerdote custava a retroceder, depois de ter amadurecido uma resolução a tomar.

Teve meu pai a honra de ser o intérprete do povo, indo à frente de algumas dezenas de homens escolhidos para tão àrdua missão diplomática, felizmente coroada de pleno êxito, na mesma ocasião.

O OCASO

Depois de havermos contemplado nosso herói menino, comerciante, noivo, chefe de família, educador e vicentino exemplar, contemplêmo-lo agora preparando-se para a morte.

Antes de cair de cama, alquebrado pelos anos e pela enfermidade, ia um dia presidir, na igreja distante, uma reunião do Conselho Particular vicentino, quando um dos filhos procurou detê-lo, fazendo-lhe ver a impossibilidade de semelhante esforço. Longe de se deixar impressionar com as prudentes ponderações, respondeu simplesmente: — "Dar-me-ei por feliz se morrer assistindo uma reunião vicentina".

A propósito do seu apego à Sociedade de São Vicente de

Paulo, eis o que dele dizia, com inteira justiça, um de seus mais distintos companheiros de apostolado: — "*Seu* Zuca ama as Conferências mais do que a própria vida".

Contando perto de quarenta anos de gratuito magistério aos pobres no "Gabinete de Leitura", e quase cinquenta de Presidente geral da benemérita Sociedade de São Vicente de Paulo; vendo satisfatòriamente colocada sua numerosa prole e sentindo-se cercado do geral apreço de seus concidadãos, de quem vinha sendo modelo e estímulo de primeira ordem, bem podia ele exclamar com o velho Simeão: — "Senhor, podeis agora deixar ir em paz o vosso servo, pois meus olhos já viram realizado o que mais ambicionei . . ."

A penosa moléstia, imobilizando-o no leito, foi, até o derradeiro suspiro, a esplendorosa confirmação da vida activa. *Talis vita, finis ita.* Aceitou a morte como os justos costumam aceitá-la. Nem um gesto de impaciência, nem a mais pequenina recriminação. Sua absoluta conformidade se refletia até na serenidade do semblante. Todos os dias o infatigável vigário lhe ia dar a Sagrada Eucaristia, mesmo depois de lhe ter, bem cedo ainda, administrado os derradeiros sacramentos, recebidos entre sinais de profunda religiosidade.

— "Se é para sofrer, meu Salvador, estou pronto", gostava ele de monologar, nas agudas crises de dispneia. É que a morte foi para ele como é um alvará de soltura para o exilado, saudoso de sua pátria.

Nem um filho ou nora faltou à sua cabeceira, nos dias finais. E esses filhos — dois médicos, um engenheiro militar e três honrados comerciantes — é que o conduziram à derradeira morada, banhados no mais sentido pranto. Apesar de terem comparecido ao enterro mais de mil pessoas amigas, muitas das quais chegadas de longe, como o próprio bispo diocesano, os extremosos filhos a ninguém mais cederam o disputado encargo de conduzir ao cemiterio o pai idolatrado, segurando, eles mesmos, as alças do esquife.

— Vale a pena viver, comenta-se ao regressar do campo santo; vale a pena viver para possuir semelhantes filhos. Mas vale ainda mais morrer para ser assim chorado por todos eles!

Zuca Sampaio, eis uma bela altitude humana, bem digna de nossa contemplação!